

EIXO TEMÁTICO: LETRAS

A IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE *SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA* PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ATIKUM, OESTE DA BAHIA.

Alice Gomes Lima¹

Marta Maria Silva de Faria Wanderley²

RESUMO

Este texto objetiva analisar a importância da implementação da formação docente *Saberes Indígenas na Escola* para as práticas pedagógicas da Escola Municipal Indígena Atikum, localizada na comunidade Benfica, município de Cotegipe, Oeste da Bahia. A ação Saberes Indígenas na Escola do território Yby Yara promove conhecimentos etnoculturais e produção de materiais didáticos para os indígenas do Oeste da Bahia, como os Atikum e Kiriri. A pesquisa resulta de metodologia de abordagem qualitativa, com pesquisa de campo e participação de professoras da Escola Municipal Indígena Atikum. No referencial teórico, Krenak (2019) e (2020), Potiguara (1989) e Canário (2001) foram suportes que possibilitaram, de forma assertiva a pesquisa. A partir da cosmovisão dos originários, esta ação proporciona um estudo profundo sobre os anseios e conhecimentos ancestrais, materializando as ideias para a sala de aula aplicados de forma intencional e adequada para os estudantes indígenas.

Palavras-chave: Educação Indígena. Formação Docente. Ensino. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da perspectiva do curso *Saberes Indígenas na Escola*, uma formação docente continuada desenvolvida pela Universidade do Estado da Bahia – e , posteriormente, ampliada para outras instituições de ensino, tanto das esferas Estaduais quanto das Federais como IFBA, ofertada ao corpo docente da Escola Municipal Indígena Atikum.

Nesse sentido, teve como objetivo analisar a importância da implementação da formação docente Saberes Indígenas na Escola para as práticas pedagógicas da Escola Municipal Indígena Atikum, localizada na comunidade Benfica, município de Cotegipe, Oeste da Bahia.

A Escola Municipal Indígena Atikum fica localizada na comunidade de Benfica, zona rural do município de Cotegipe, há aproximadamente 84km da Universidade do Estado da Bahia, *Campus IX*, em Barreiras. A sua estrutura física é bem limitada, pois não possui salas

¹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. UNEB-DCH *Campus IX*, Barreiras-BA alicelimags01@gmail.com

² Professora Adjunta do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. UNEB-DCH *Campus IX*, Barreiras-BA. mfaria@uneb.br

de aula suficientes para comportar os 43 alunos matriculados, havendo apenas duas salas, e uma delas, improvisada.

A pesquisa visa, nesse sentido, mitigar o cenário atual, o qual após tanta negação da identidade indígena em solo brasileiro, desde o período colonial, compreende a necessidade de realizar um resgate das culturas, conhecimentos, artes, línguas e diversos outros quesitos que formam o ser indígena histórico, cultural e diverso.

Nos idos de 2016, surgiu a oportunidade de formação docente no curso *Saberes Indígenas na Escola* em Paulo Afonso, coordenado pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB - Os originários do Oeste da Bahia é assistido pela Universidade Federal da Bahia – UFBA - nos dias atuais, o chamado Território Etnoeducacional Yby Yara.

Este curso acontece a cada 30 dias no Instituto Anísio Teixeira, em Salvador, e é articulado por professores e mestres indígenas, com formação para os professores e professoras de escolas indígenas de toda a Bahia.

A importância da implementação da formação docente Saberes Indígenas na Escola para as práticas pedagógicas da Escola Municipal Indígena Atikum surge como um sopro de novos tempos e perspectivas, mas sem deixar, claro, os ensinamentos dos seus ancestrais apenas no passado.

2 METODOLOGIA/MATERIAL E MÉTODOS

A atividade preponderante da presente metodologia científica é a pesquisa. Gil (2007, p. 17) aponta que pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Nesse sentido, considerando o objetivo da investigação, foi feita uma pesquisa de campo de abordagem quali-quantitativa. A abordagem quali-quantitativa de pesquisa é considerada, segundo Minayo, (2001):

(...) Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. p. 22.

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de

diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (FONSECA, 2002).

Desse modo, a pesquisa de campo ocorreu na Escola Municipal Indígena Atikum com as professoras de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II. O questionário foi instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados e informações. As principais dúvidas foram apresentadas às professoras e elas responderam individualmente no GoogleForms. Após a coleta dos dados, as informações foram interpretadas considerando o objetivo da pesquisa e materiais obtidos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

O Território Etnoeducacional Yby Yara foi criado por meio de uma decisão de lideranças indígenas, das quais tiveram preferência as instituições que tivesse gestão que focasse numa perspectiva indigenista na Bahia, já que anterior a este nome, compunham a pasta generalizada de Território Etnoeducacional Nordeste, no qual os estados de Sergipe e Alagoas estavam na composição.

Nesse contexto, retornamos à implantação das primeiras escolas nas comunidades indígenas no Brasil que teve início de forma exploratória e discriminatória, como afirma Luciano (2006):

A implantação das primeiras escolas nas comunidades indígenas no Brasil é contemporânea à consolidação do próprio empreendimento colonial. A dominação política dos povos nativos, a invasão de suas terras, a destruição de suas riquezas e a extinção de suas culturas têm sido desde o século XVI o resultado de práticas que sempre souberam aliar métodos de controle político a algum tipo de atividade escolar civilizatória. p. 150.

Desse modo, compreende-se que o método utilizado no contexto escolar indígena tem sido ofertado desde o século XVI de forma controladora e não inclusiva. Assim, o ser político, social e histórico do indígena se perde em meio as narrativas que não os incluem nos processos pedagógicos escolares, por meio da difusão das suas crenças e manifestações culturais como ações fundamentais no processo do saber.

A partir disso, é compreendido que esse processo de construção dos saberes indígenas é um ato de resistir a diferentes tipos de opressão que surge como forma de igualar uma cultura a todas as outras, quando na realidade, é substancial trabalhar de forma diferenciada as questões étnicas que diferem um grupo do outro, por exemplo.

Ainda conforme Krenak (2019):

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nesta Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios. E uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na Terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela. p. 82-83.

Por consequência da centralização da cosmovisão eurocêntrica é que os indígenas se sentem suprimidos em diversos contextos. A supervalorização da globalização traz muitos prejuízos às questões identitárias dos originários do nosso país, pois os grupos que vivem e agem de forma diferente sofrem preconceitos e um etnocídio dentro da sociedade, contribuindo assim, para uma identidade simplificada dos indivíduos.

Ainda nesse contexto, Potiguara (1989) reflete sobre como a educação indígena começa de forma espontânea e em seu ritmo, evidenciando assim, a valorização da convivência da criança com a família, sendo esta, a primeira experiência para a construção dos saberes, como afirma em:

A educação da criança indígena é muito sábia e simples. Os filhos acompanham os pais nas tarefas diárias, nas caçadas, nas colheitas do roçado, na confecção da comida e bebida nas festas, nas danças, na produção do artesanato etc. Assim vai aprendendo desde cedo a ser independente a gostar do trabalho. Essa relação, onde não há espaços para violências ou repressões, aliada ao sentimento coletivo da terra, ao sentimento de solidariedade, à vivência e experiência dos pais, avós e tios, conduz a uma Educação natural e sadia, de todas as crianças e jovens (Potiguara, 1989, p. 8).

A comunidade rural Benfica, localizada no município de Cotegipe, é banhada pelo Rio Grande e tem como diversidade de moradores os ribeirinhos e os indígenas Atikum. A identificação das pesquisadas foi abreviada no corpo do texto como R.S.J. e L.B.S, consequentemente, para preservar o anonimato, conforme os preceitos éticos da pesquisa.

No que se refere a carreira da professora em evidência, R.S.J afirma

“Tenho 30 anos, sou mulher, pedagoga há 9 anos com pós-graduação em educação infantil, resido na comunidade Benfica e vou à escola a pé. Atuo como professora há 5-6 anos. Atualmente, leciono do 1º ao 5º ano pela manhã e do 6º ao 9º à tarde. Para mim, ser professora é uma profissão muito importante, que vai além do ensinar mas, construir conhecimento, ter vocação, dedicação e compromisso. E gostar do faz.”

Questionada sobre a importância, como eram as suas práticas antes do curso e depois, quais vantagens e o que pode ser aperfeiçoado na *Ação Saberes Indígenas na Escola*, R.S.J relata que:

“é muito importante, porque através da formação, poderei ter mais conhecimentos para trabalhar em sala de aula. Estou no curso Saberes Indígenas na Escola há 2 anos e era um trabalho voltado para o currículo tradicional, sem ênfase da cultura. Com menos foco na valorização da cultura. Após a inserção no curso, as aulas foram voltadas mais para nossa cultura, já era trabalhada, mas de forma ampla. As

vantagens são muitas, como a valorização da nossa cultura, desenvolvimento, habilidades e crescimento pessoal e social. O que pode ser aperfeiçoado? “Até agora está tudo maravilhoso.”

Destarte, percebe-se através da experiência das professoras em estudo que a formação docente indígena proposta pela *Ação Saberes Indígenas na Escola* cumpre um papel fundamental na busca pela materialização da cultura dos originários por meio de materiais didáticos concretos e abordagens eficazes no que se refere as narrativas e práticas dos grupos que compõem o território étnico Yby Yara.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível analisar de forma positiva a ação Saberes Indígenas na Escola, especialmente ao oportunizar aos indígenas do Oeste da Bahia a inserção em uma formação docente que contemple as suas necessidades específicas. Os cursistas têm demonstrado entusiasmo pela busca de inovações e resgate de costumes, crenças e tradições difundidas pelos seus antepassados.

Assim, a escola recebe um incentivo a produção de práticas pedagógicas precisas. Salientando a forma de organização do grupo indígena Atikum, suas percepções, cosmovisão e necessidades pensadas na realidade da comunidade.

Além da formação, os professores materializam todo o estudo em forma de livros didáticos de literatura e etnomatemática, por exemplo. A produção textual é essencial para a propagação de histórias que refletem os elementos da cultura indígena como protagonistas das narrativas.

5 REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

POTIGUARA, Eliane. **A terra é a mãe do índio**. Grupo Mulher-Educação Indígena, 1989.